

NÚMERO 10 | JANEIRO | 2014 | €4,5

glosas

celebrando a música de cultura lusófona
edições *mpmp*

Cândido Lima

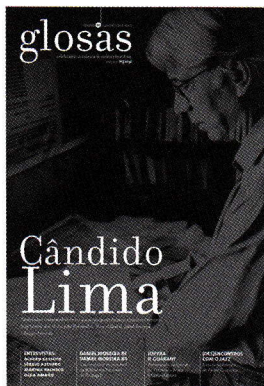
Entrevista e testemunhos com a participação de António Quadros Ferreira,
José Grossinho, Maria João Fernandes, Mário Cláudio, Jakub Szczypa
e Sérgio Azevedo

ENTREVISTAS:
ÁLVARO CASSUTO
SÉRGIO AZEVEDO
MARINA PACHECO
OLGA AMARO

DANIEL MOREIRA 83
DANIEL MOREIRA 84
Um encontro improvável
na Biblioteca Nacional
de Portugal

JUPYRA
IL GUARANY
Revisitando as óperas
de Francisco Braga
e Carlos Gomes

(DES)ENCONTROS
COM O JAZZ
Uma nova rubrica
de Pedro Cravinho



3 EDITORIAL

4 MÚSICA HOJE | Manuela Paraíso

10 CÂNDIDO LIMA: SONS, MITOS E FRONTEIRAS DA (SUA) MÚSICA | entrevista de Duarte Pereira Martins

22 MÚSICA, ALMA DO MUNDO | Maria João Fernandes

24 A MÚSICA PARA CRIANÇAS E JOVENS DE CÂNDIDO LIMA | Sérgio Azevedo

27 SONS PARA DESCOBRIR: OBRAS DIDÁCTICAS | Jakub Szczypa e José Grossinho

30 A PROPÓSITO DE XENAKIS | Cândido Lima

34 CANTOS DAS FRAGAS | Cândido Lima

36 A CÂNDIDO LIMA | pintura de António Quadros Ferreira, texto de Mário Cláudio

38 À CONVERSA COM ÁLVARO CASSUTO

43 O NOVO CONCERTO PARA CLARINETE DE SÉRGIO AZEVEDO

47 DANIEL MOREIRA 83, DANIEL MOREIRA 84: UM ENCONTRO IMPROVÁVEL

50 CANÇÕES DE LEMÚRIA: ENTREVISTA A MARINA PACHECO E OLGA AMARO

52 PANORÂMICA DA MÚSICA NO PORTO | João-Heitor Rigaud

57 NOS 250 ANOS DO PIANOFORTE DE HENRIQUE VAN CASTEEL | José Carlos Araújo

59 MARCOS PORTUGAL EM ZURIQUE | António Jorge Marques

60 UM PASSO À FRENTE: ALMEIDA PRADO | Manoel Corrêa do Lago

62 ALMEIDA PRADO E A EXPRESSÃO DA RELIGIOSIDADE | José Francisco Bannwart

63 ALMEIDA PRADO: DOS FESTIVAIS DE MÚSICA DA GUANABARA ÀS BIENAIS | Flavio Silva

64 VÉSPERA PROFANA | Swan Yuki Hamasaki

66 JUPYRA, OU A AURORA DA MÚSICA BRASILEIRA NAS TEMPORADAS NACIONAIS | entrevistas de Helen Gallo

70 GLOSANDO: A CONVITE DA GLOSAS, UMA PEÇA INÉDITA | Marcos Lucas

72 COMPOSITORES A DESCOBRIR: JOSÉ AVELINO CANONGIA (1784-1842) [CONTINUAÇÃO] | Luís Carvalho

76 MÚSICA E TRANSDISCIPLINARIDADE: APONTAMENTOS | uma rubrica de Patrícia Sucena de Almeida

79 LABORATÓRIO DE ICONOGRAFIA MUSICAL: ASPECTOS INSÓLITOS D'IL GUARANY | uma rubrica de Luzia Rocha

84 NOTAS DE PASSAGEM | uma rubrica de Fernando Lapa

85 ECOS D'ALÉM-MAR: CAMINHOS DA PARTITURA... | uma rubrica de José Eduardo Martins

87 (DES)ENCONTROS COM O JAZZ | uma rubrica de Pedro Cravinho

90 FORMAÇÃO MUSICAL: QUE PRINCÍPIOS ORIENTADORES? | João Carlos Pinto de Almeida

92 O SAXOFONE PEDAGÓGICO | João Pedro Silva e Lino Guerreiro

93 CARLOS SEIXAS – SONATAS (IV) | Duarte Pereira Martins e José Carlos Araújo

94 SUBVERSÃO À BRASILEIRA | Helen Gallo

96 COISAS EM QUE TROPEÇO... | Sílvia Sequeira

glosas

Número 10 | Janeiro de 2014 | **Cândido Lima**
Próximo número: **César Guerra - Peixe** (mês a definir)

DIRECÇÃO

Edward Luiz Ayres d'Abreu
edward@mpmp.pt

GRUPO DE COMUNICAÇÃO E PESQUISA

coord. Edward Luiz Ayres d'Abreu
gcp@mpmp.pt

Duarte Pereira Martins, Helen Gallo, Isa Antunes, José Carlos Araújo, Mafalda Marques, Manuela Paraiso,
Nuno M. Cardoso, Philippe Marques, Susana Igayara, Tatiana Bina

CONSELHO CIENTÍFICO LUSÓFONO

[secção Cadernos de Musicologia]
coord. Edward Luiz Ayres d'Abreu
cel@mpmp.pt

Núcleo Africano e Asiático | Jorge Castro Ribeiro, Susana Sardo

Núcleo Brasileiro | José Eduardo Martins, Paulo Castagna, Ricardo Tacuchian, Susana Igayara

Núcleo Português | Gabriela Cruz, Manuel Pedro Ferreira, Paula Gomes Ribeiro, São José Côrte-Real

DESIGN DE COMUNICAÇÃO

DDLX [www.ddlx.pt]
José Teófilo Duarte [Direcção de Arte]
Conçalo Duarte, João Silva [Design e Paginação]

FOTOGRAFIA

Pedro Junqueira Maia (capa), Sara Velez Gameiro (p. 10), Tatiana Bina (p. 12)

REVISÃO E. L. Ayres d'Abreu (com a colaboração de Duarte Pereira Martins, José Carlos Araújo,
Nuno M. Cardoso e Philippe Marques)

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Agir, Artes Gráficas

EDIÇÃO *mpmp*, movimento patrimonial pela música portuguesa | www.mpmp.pt

DEPÓSITO LEGAL 310097/10

ISSN 2182-1380

TIRAGEM 400 exemplares

(des)encontros com o jazz

uma rubrica de Pedro Cravinho

O CLUBE DE JAZZ DO ORFEON¹



INTRODUÇÃO

GRANDE PARTE DOS DISCURSOS produzidos sobre jazz em Portugal alimentam a ideia de que terá sido um género musical mais ou menos “reprimido” até ao golpe militar de 1974. Porém, um conjunto de dados que resultam de investigação recente mostram que o jazz não só era praticado como, de alguma forma, foi adquirindo algum estatuto de “oficialidade” a partir de iniciativas de formalização de espaços associados a esta prática musical; exemplo disso foram os clubes de jazz criados no quadro das universidades portuguesas, designadamente em Lisboa e Coimbra. Sabemos que a academia portuguesa ao longo do Estado Novo foi um espaço que congregou diferentes tipos de marginalidade consentida. Foi simultaneamente um território de elite – a ela acediam apenas indivíduos das classes economicamente privilegiadas e sobretudo homens – e também um lugar do qual se esperava alguma renovação e irreverência². A nível social e político, a irreverência dos estudantes era vista como uma espécie de ritual de passagem ao qual estavam até associados – e continuam a estar – momentos simbólicos como a “Queima das Fitas”. O jazz, neste contexto, ocupou um lugar duplo, uma vez que ao mesmo tempo que era concebido como uma música de elite, era também uma “linguagem” de mudança, sobretudo a partir de 1958, com a fundação do Clube Universitário de Jazz em Lisboa – tanto em acções de subversão do regime como de apoio à libertação das colónias³. Mais tarde, já na década de 1970, com os festivais internacionais de Cascais, o jazz transformou-se num instrumento de luta contra o regime, mobilizando milhares de jovens num movimento de oposição à guerra colonial⁴.

ANTECEDENTES DA CRIAÇÃO DO CLUBE DE JAZZ DO ORFEON

DESDE A DÉCADA DE 1940 que a Associação Académica de Coimbra mostrava alguma tradição na incorporação de música de jazz nas festividades académicas, em especial no “Baile das Faculdades”. A Orquestra Ligeira Académica da Universidade de Coimbra por vezes incluía jazz no seu repertório, conforme refere António José Barros Veloso: « Eu e o Binau tocávamos numa coisa que se chamava Orquestra Ligeira Académica, em Coimbra, e fazíamos uns bailes. Tocávamos tudo: tangos, pasodobles e jazz »⁶.

DE FACTO, foi através desta orquestra que muitos jovens estudantes como António José Barros Veloso, Bernardo Moreira, José Niza, Rui Ressureição, Proença de Carvalho, António Albuquerque, João Caixeiro, entre outros, « fizeram as suas primeiras incursões no domínio do jazz »⁷. Também a deslocação de Bill Colemann a Portugal foi a convite da Associação Académica

de Coimbra, em 1959. O *Diário de Coimbra* descrevia assim a presença do músico:

*À noite, no Ginásio do Liceu D. João III, decorado e iluminado a capricho, efectuou-se o tradicional Baile das Faculdades. Muita gente, muito entusiasmo, muita distinção. [...] Tocou a orquestra de Bill Colemann, que veio de Paris propositadamente tomar parte na «Queima das Fitas», e mais quatro orquestras animaram o Baile, onde se dançou até alta madrugada, sempre ao mesmo ritmo de euforia e emoção. Pode dizer-se que, sob todos os aspectos, o Baile foi um dos mais animados das festas da «Queima».*⁸

...**SALIENTANDO**, em notícia publicada quatro dias mais tarde, que a deslocação desta orquestra “custou uma fortuna”:

*No Ginásio do Liceu D. João III, efectuou-se o tradicional chá dançante. [...] Agradou plenamente, segundo nos informam, o serviço fornecido por Augusto Silva, da Figueira da Foz, e a famosa orquestra de Bill Colemann, cuja deslocação custou uma fortuna, bem como outras orquestras animaram o «chá», que terminou de madrugada, como aliás é costume.*⁹

A «SECÇÃO DE JAZZ» DO CENTRO DE ESTUDOS MUSICAIS DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA.

É NO SEIO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA (AAC) que, em 1 Março de 1961, surge a “Secção de Jazz”, no Centro de Estudos Musicais (CEM), conforme é anunciado na publicação *VIA LATINA*:

*Instituída no CEM da AAC foi criada a Secção de Jazz. Pretende reunir todos os interessados na verdadeira música de Jazz, num centro de CONVÍVIO para a audição de música gravada ou de conjuntos nacionais e estrangeiros.*¹⁰

A PRIMEIRA DIRECÇÃO da “Secção de Jazz” do CEM foi constituída por Rui Amador, Mário Silva, Maria José Santos, José Carlos Monteiro Costa e Helder Gaspar Wara. Esta mesma notícia anunciava que a direcção reunia todas as quartas-feiras na AAC para dar a possíveis interessados a possibilidade de se inscreverem como sócios, mediante o pagamento de uma cota anual no valor de “10\$00”¹¹. Entre as actividades realizadas pela “Secção de Jazz”, é possível identificar uma sessão fonográfica dirigida por Raul Calado, fundador do Clube Universitário de Jazz (CUJ) de Lisboa, com o título “Perspectivas do Jazz”, que se realizou no dia 18 de Março de 1961, tendo sido publicado o seguinte sobre o acontecimento:

*Com a semi-cerimónia que lhe é peculiar, o director do CUJ de Lisboa traçou em meia dúzia de palavras o que foi a evolução do Jazz, limitando-o (se é possível limitá-lo) nas seguintes ideias: música de origem negra, portadora de uma mensagem, possuidora de um «quid» indefinível mas sensível pelo verdadeiro amador deste género musical.*¹²

NO ANO SEGUINTE, a 18 de Março, é anunciada uma nova conferência com Raul Calado, desta vez com o título “Vamos falar um pouco sobre jazz”.

O CLUBE DE JAZZ DO ORFEON

É NA CONTINUIDADE DAS ACÇÕES desenvolvidas pela “Secção de Jazz” que, a 19 de Março de 1964, juntamente com o lançamento do primeiro número do *Jornal do Orfeon* (uma publicação do Orfeon Académico de Coimbra), é anunciada a criação do primeiro clube de jazz na cidade, o Clube de Jazz do Orfeon. Este novo clube surge como resultado de uma união de interesses entre o Orfeon e o CEM. Constituído no meio estudantil, tinha como principal objectivo a divulgação do jazz. Para este efeito propôs-se realizar *jam sessions* regulares — com a colaboração do Conjunto do Orfeon —, sessões fonográficas, colóquios, conferências, e a organização do primeiro Festival de Jazz em Coimbra. O anúncio do novo clube de jazz na “cidade dos estudantes” é dado a conhecer através de um artigo com o título “Clube de Jazz do Orfeon” da autoria de José Niza, que, para além de fazer parte do mesmo, assumia funções de coordenador gráfico na nova publicação *O Orfeon*:

O Orfeon organizará o Clube de Jazz, que se deseja funcione, aberto não só a orfeonistas mas a todos os estudantes, onde se poderá ler, ouvir e falar jazz [...]

Aos leitores, o nosso recém-criado Clube deixa o convite para o seu baptizado por intermédio deste também recém-nascido «O Orfeon».

Aos que não acreditam, diremos que em 1880 um grupo de rapazes formou em Coimbra o Orfeon Académico, primeiro agrupamento coral do país. Hoje decorridos 84 anos, outro grupo de entusiastas, que, como os de 1880, não se alheiam dos valores da cultura do seu tempo, toma a iniciativa de fundar um Clube de Jazz.

Só nos resta esperar que tenha uma vida longa e produtiva e que, quaisquer que sejam as dificuldades com que se debata na sua existência futura, esteja sempre presente no espírito dos seus responsáveis o verso de Fernando Pessoa — tudo vale a pena...¹³

NO QUE DIZ RESPEITO AO SEU FUNCIONAMENTO, o Clube de Jazz do Orfeon estava aberto aos sócios às 2.as, 4.as e 6.as a partir da 21h30, para convívio e audição de discos, permitindo igualmente a consulta ou requisição de revistas ou livros sobre jazz. Às 3.as realizavam-se habitualmente as *jam sessions*. Outro aspecto importante de salientar foi o facto de este clube ter tido um número significativo de sócios do sexo feminino, distanciando-se assim do modelo tradicional do Orfeon Académico de Coimbra, que era composto apenas por população masculina até 1976¹⁴. Esta característica é também relatada por Virgílio Caseiro no seu estudo sobre o Orfeon Académico de Coimbra:

*Com a criação deste club, pela primeira vez se vêem abertas as portas do Orfeon à população universitária feminina, que a ele ocorre em número razoável, constatável pelo número de fichas de inscrição ainda existentes nos arquivos da Direcção.*¹⁵

JUNTAMENTE COM A CRIAÇÃO do Clube de Jazz do Orfeon surge, a partir de 1964, o Quarteto de Jazz do Orfeon, que era constituído pelos seguintes jovens estudantes universitários (músicos amadores): Rui Ressureição (piano, órgão e vibrafone), José Niza (guitarra eléctrica), Daniel Proença de Carvalho (baixo eléctrico) e Joaquim Caixeiro (bateria).

NO QUE DIZ RESPEITO a iniciativas organizadas pelo Clube de Jazz do Orfeon, importa destacar a 1.ª Semana de Jazz em Coimbra, realizada entre 17 e 24 de Janeiro de 1966, que teve o patrocínio da Embaixada dos Estados Unidos da América em Lisboa. Ao longo desta 1.ª Semana de Jazz e à semelhança do que aconteceu na cidade de Lisboa, realizou-se, no Teatro Académico de Gil Vicente, um concerto do Combo de Jazz da 6.ª Esquadra norte-americana, uma sessão de filmes sobre jazz, um colóquio dirigido por Luís Villas-Boas, do Hot Clube de Portugal, assim como esteve patente ao público a exposição “Três Gerações de Jazz”. Ao longo desta semana realizaram-se ainda *jam sessions* que contaram com a presença dos membros do Quarteto de Jazz do Orfeon e do *combo* norte-americano.

UM ASPECTO DE IGUAL IMPORTÂNCIA é o facto de o Clube de Jazz do Orfeon ter tido também uma preocupação formativa, não só de um público esclarecido sobre jazz como também de músicos no domínio do jazz, surgindo no âmbito das suas iniciativas aquilo que poderia ser considerada a primeira “escola” de jazz em Portugal. Esta iniciativa permitia aos associados ter a oportunidade de se principiarem na aprendizagem da “linguagem” jazzística, sob orientação do pianista Rui Ressureição, conforme nos é dado a conhecer na rubrica “Notícias de Jazz”:

*Aceitam-se inscrições de elementos-sócios que, tocando já qualquer instrumento musical, pretendam iniciar-se na aprendizagem do jazz. A aprendizagem é orientada pelo pianista do Quarteto, Rui Ressureição.*¹⁶

MAIS TARDE, com a entrada do trompetista e trombonista norte-americano Mike Spiegelman, é constituído o Quinteto de Jazz do Orfeon. Este quinteto, para além de actuar regularmente em Coimbra e na cidade de Lisboa, foi convidado para participar, em Maio de 1966, num festival internacional de jazz moderno em Viena, o Internationaler Wettbewerb fuer Modernen Jazz. Deste quinteto faziam parte Mike Spiegelman (trombone e trompete), Rui Ressureição (piano, órgão e vibrafone), José Niza (guitarra eléctrica), António José Albuquerque (contrabaixo) e Joaquim Caixeiro (bateria).

O 1.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE JAZZ EM PORTUGAL

EM 1967, enquadrado nas festividades da “Queima das Fitas” em Coimbra e com a colaboração do Clube de Jazz do Orfeon, realizou-se o 1.º Festival Internacional de Jazz. Este festival contou com o patrocínio da Embaixada dos Estados Unidos da América em Portugal e da companhia de Transportes Aéreos Portugueses (TAP), tendo sido apresentado na época como o maior acontecimento de jazz em Portugal. Teve lugar no Teatro Avenida no dia 3 de Maio e contou com a presença das seguintes formações: Dexter Gordon, Jean Pierre Gebler Quartet, Dixieland Combo e o Quinteto do Clube de Jazz do Orfeon. Nas notas de programa do festival é referido o seguinte:

[...] a realização deste 1.º Festival Internacional de Jazz é o testemunho indiscutível da vontade de alguns, condicionada pelo geral entusiasmo que o Jazz vem suscitando na massa universitária

ria do país e, em particular, de Coimbra, índice evidente de dinamismo intelectual que, longe do academismo da expressão europeia, busca incessantemente novas e ricas fontes de cultura ainda totalmente por explorar neste meio a que, por circunstâncias fortuitas, pertencemos.

O DIÁRIO DE COIMBRA destacava o seguinte sobre este grande acontecimento:

Concorridíssimo o 1.º Festival Internacional de Jazz

O Teatro Avenida esteve repleto, ontem à tarde, com uma multidão de jovens, que acorreu a assistir ao 1.º festival Internacional de Jazz, uma organização já da "Queima das fitas". Os três quartetos estrangeiros: Dexter Gordon, Dixieland Combo e Jean Pierre Gebler, bem como o Quinteto do Clube de Jazz do Orfeon Académico foram aplaudidos entusiasticamente.¹⁷

NO ANO SEGUINTE, novamente enquadrado nas festividades da "Queima da Fitas", realizou-se o segundo e último Festival Internacional de Jazz.

EM CONCLUSÃO

TRÊS ANOS APÓS A CRIAÇÃO da "Secção de Jazz", no Centro de Estudos Musicais da Associação Académica de Coimbra, foi fundado o Clube de Jazz do Orfeon. Com este clube, o jazz foi gradualmente adquirindo algum estatuto de "oficialidade" no seio da mais antiga academia portuguesa, tendo em conta que:

1. formalizou um espaço associado a esta prática musical na cidade de Coimbra;
2. criou a primeira tentativa de uma "escola" de jazz em Portugal;
3. promoveu a abertura do Clube de Jazz do Orfeon a toda a população universitária masculina e feminina, distanciando-se assim do modelo tradicional do Orfeon Académico de Coimbra, que era composto apenas por população masculina;
4. organizou o primeiro Festival Internacional de Jazz em Portugal por ocasião da festa da "Queima das Fitas" de 1967 e, no ano seguinte, o segundo e último festival realizado neste contexto.

NO FUNDO, podemos dizer que a relação entre o jazz e a academia em Portugal é de profunda dialogia. Se por um lado o jazz se adequava ao perfil do que supostamente seria a população académica (irreverente, moderna e intelectual), também a academia, ao incorporar o jazz nas suas actividades, acabava por o validar, dado o seu estatuto de autoridade. Ou seja, a universidade, e porque incorporava também uma marginalidade dupla que articulava a irreverência com a cultura de elite (onde se produzia conhecimento novo), ao acolher o jazz estava também a validá-lo enquanto "linguagem" musical a considerar, ao lado de outras que davam voz à população estudantil (onde se incluía o fado, a canção de Coimbra, a música erudita e a música tradicional). Assim, a partir da década de 1950, a história do jazz em Portugal não pode ser analisada sem ter também em conta o papel desempenhado pelos estudantes universitários, em especial os das Associações Académicas das Universidades de Lisboa e Coimbra.

NOTAS

¹ Uma versão deste texto foi apresentada numa conferência realizada no Teatro Académico Gil Vicente, que decorreu em Coimbra (30 de Abril de 2012), nas Comemorações do 1.º Dia Internacional do Jazz e do IX Aniversário do Jazz Ao Centro Clube.

² Cardina, 2008.

³ Cravinho, 2011.

⁴ Curvelo, 2002; Santos, 2009; Veloso, 2010; Cravinho, 2012.

⁵ Em diversos programas das "Queimas das Fitas" ao longo da década de 1940 e 1950, existentes no Arquivo do Museu Académico, identifiquei a presença de orquestras de jazz (Luis Rovira, Almeida Cruz, entre outros) na animação do "Baile das Faculdades".

⁶ Santos, 2007.

⁷ Veloso, 2010: 652.

⁸ *Diário de Coimbra*, 17 de Maio de 1959.

⁹ *Diário de Coimbra*, 21 de Maio de 1959.

¹⁰ *VIA LATINA*, n.º 126-127, 1 de Março de 1961, p. 16.

¹¹ *VIA LATINA*, n.º 129, 21 de Março de 1961, p. 3.

¹² *Ibidem*.

¹³ *O Orfeon*, n.º 1, de 19 de Março de 1964, pp. 8-9.

¹⁴ Pestana, 2010.

¹⁵ Caseiro, 1992.

¹⁶ *O Orfeon*, n.º 3, de 31 de Março de 1966, p. 14.

¹⁷ in *Diário de Coimbra*, 4 de Maio de 1967, (pp. 1).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cardina, Miguel (2008), "Movimentos estudantis na crise do Estado Novo: mitos e realidades", *e-cadernos ces*, 1, 57-76, <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos>.
Caseiro, Vergílio (1992), *O Orfeon Académico de Coimbra desde 1880: Causas determinantes, objectivos e evolução*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.

Cravinho, Pedro (2011), "Gosto de Jazz porque gosto da verdade": o Clube Universitário de Jazz, a contestação e o discurso alternativo ao meio "jazzístico" em Portugal, entre 1958 e 1961, in *PERFORMA'11 Encontros de Investigação em Performance*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Cravinho, Pedro (2012), "A MÚSICA AGORA É O JAZZ: O Jazz como palco de resistência em Portugal, entre 1971 e 1973", in *Música Discurso Poder* (2012). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.

Curvelo, António (2002), "Notas (muito incompletas) sobre o Jazz em Portugal. Da pré-história aos tempos modernos", in *Panorama da Cultura Portuguesa no Séc. XX, Artes e Letras Vol. II*. Porto (Fundação de Serralves): Edições Afrontamento.

Pestana, Maria do Rosário (2010), "Orfeon Académico de Coimbra", in *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores / Temas e Debates.

Santos, João Moreira dos (2007), "O Jazz segundo Villas-Boas". Lisboa: Assírio & Alvim.

Santos, João Moreira dos (2007), *O Jazz segundo Villas-Boas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Santos, João Moreira dos (2009), *Jazz em Cascais – Uma História de 80 anos [1928-2008]*. Cascais: Casa Sasseti.

Veloso, Manuel Jorge (2010), "Jazz", in *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores / Temas e Debates.

FUNDOS DOCUMENTAIS

Centro de Documentação 25 de Abril
Museu Académico de Coimbra

AGRADECIMENTOS

Prof. Dr.ª Maria do Rosário Pestana (Universidade de Aveiro)
Dr.ª Natércia Coimbra (Centro de Documentação 25 de Abril)

PEDRO CRAVINHO

Doutorando da Universidade de Aveiro (UA) sob a orientação da Prof. Doutora Maria de Rosário Pestana, com uma bolsa atribuída pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Investigador do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos de Música e Dança (INET-md) e Centro de Estudos de Jazz da Universidade de Aveiro. Licenciado em Música – Variante Musicologia pela mesma instituição.

pedro.cravinho@ua.pt

glosas

celebrando a música de cultura lusófona

edições *mpmp*